

Gravidez na adolescência: narrativas da paternidade



ANTÓNIO MANUEL MARQUES

IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE SAÚDE, CULTURA E SOCIEDADE
Portalegre, Julho 2008

Tópicos



- Gravidez na adolescência e paternidade
- Objectivos e participantes do estudo
- Método
- Elementos de análise
- Pistas para a intervenção

Gravidez na adolescência e paternidade (1)

(Brindis et al., 2005; Correia & Sereno, 2005; Le Camus, 2000; Marsiglio, 2005; Marsiglio et al., 2000; Pleck, 1997; Prazeres et al., 2005; Sonenstein et al. 1997; The Alan Guttmacher Institute, 2002)



Nas últimas décadas do Século XX, a paternidade começou a ser reconhecida como objecto pelos investigadores e profissionais e que produz efeitos ao nível psicológico e psicossocial, tal como a maternidade;

A delimitação do papel dos homens ao acto da fecundação, ao apoio directo à mulher grávida e à sobrevivência familiar foi-se evidenciando como uma concepção insatisfatória face à mudança social associada à parentalidade.

Gravidez na adolescência e paternidade (2)

(Araújo, 1996; Brindis et al., 2005; Calado, 1997; Correia & Sereno, 2005; Trindade, 2002; Prazeres et al., 2005; Sonenstein et al. 1997; The Alan Guttmacher Institute, 2002)



O conceito de **saúde sexual e reprodutiva** é uma proposta conceptual e organizativa com 2 décadas, mas a matriz ideológica e prática tende a pautar-se pelo conceito de **saúde materno-infantil**.

Esse facto acentua e promove, facilita e justifica, a exclusão masculina do universo reprodutivo e do cuidado dos filhos.

As políticas e os profissionais de saúde têm sido lentos a clarificar como podem e devem os rapazes e os homens participar na prevenção da gravidez não planeada.

Não tem sido dado especial relevo ao papel e às necessidades de saúde dos homens e dos rapazes.

Gravidez na adolescência e paternidade (3)

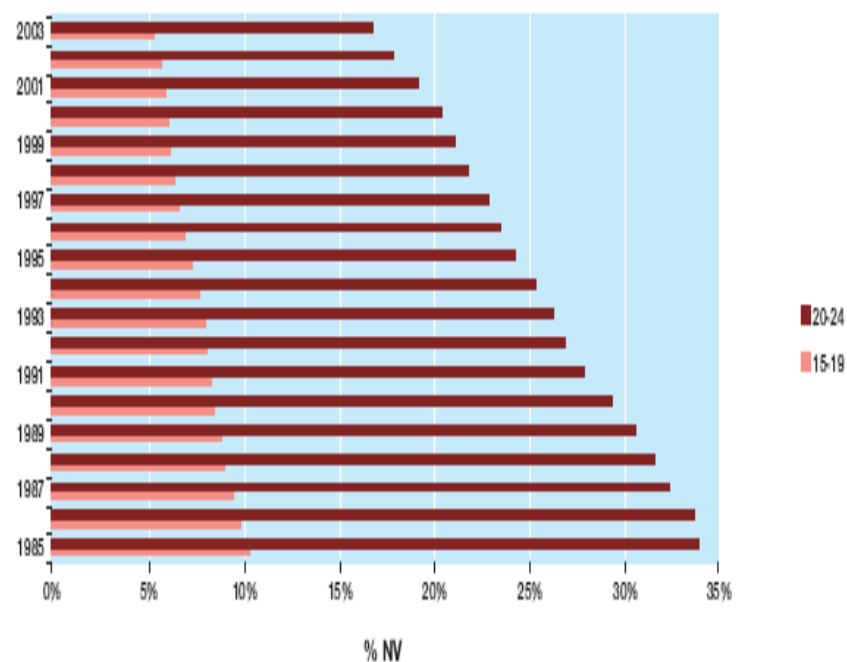
(Edwards, 1994; Gideon, 2006; Marques, 2002a; Prazeres et al., 2005; Sonenstein et al. 1997; The Alan Guttmacher Institute, 2002)



As referências à necessidade de adesão masculina ao domínio da Saúde Sexual e Reprodutiva têm como princípio subjacente que **a adesão masculina é benéfica para as raparigas e mulheres**, não algo que traga também benefícios a rapazes e homens.

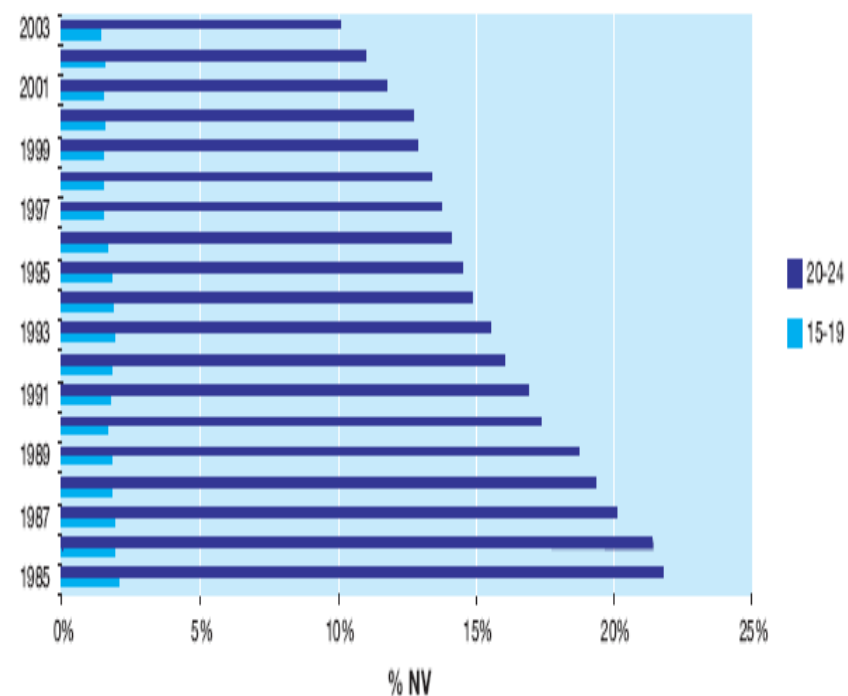
Vários indicadores sugerem que, efectivamente, a população masculina tem **necessidades não satisfeitas** no domínio da informação acerca da gravidez não desejada, dos métodos contraceptivos, para além da prevenção das IST's.

Figura 2: Padrões de evolução dos nascimentos (NV) em mães 15-24 anos, de 1985 a 2003 (% do total de NV)



Fonte: BD Nados vivos, INE

Figura 5: Padrões de evolução dos nascimentos (NV) em pais 15-24 anos, de 1985 a 2003 (% do total de NV)



Fonte: BD Nados vivos, INE

Participantes do estudo

(Marques, 2007)



Critérios de selecção dos **24 participantes**:

1. ser pai de uma das crianças envolvidas no Projecto HumanusCAM;
2. ter sido pai através da gravidez de uma adolescente;
3. ter sido pai – na condição 2 - há menos de 3 anos.
4. adesão voluntária e concordância da jovem mãe.

Idades **17 e 38 anos** (média aritmética=23,6 anos).

[Média aritmética das idades da adolescente = 17,7 anos]

14 participantes com emprego fixo, 8 desempregados e 2 noutra situação.

10 entre o 4º e o 6º ano de escolaridade, 7 o 9º ano, 1 não sabia ler nem escrever e 3 mais do que o 9º ano.

5 têm outros filhos; apenas num caso os filhos (2) são da mesma relação

Objectivos do estudo

(Marques, 2007)



Identificar e caracterizar:

- 1.Experiências, nas dimensões afectiva, familiar, relacional e institucional;
- 2.As narrativas do acompanhamento do anúncio e da continuidade da gravidez, da relação com o/a bebé e com a mãe deste/a;
- 3.As avaliações do impacte desta transição no quotidiano e nos projectos imediatos e a longo prazo;
- 4.As representações sociais associadas à paternidade e à maternidade;
- 5.Os conhecimentos e as crenças relativos à saúde sexual e reprodutiva, nomeadamente, no domínio dos métodos seguros de contracepção;
- 6.As projecções de necessidades que a paternidade poderá desencadear, bem como as fontes e formas de apoio julgadas mais importantes.

Método

(Marques, 2007)



Entrevista semi-dirigida

Seis áreas temáticas, cerca de 70 questões

Análise temática (Bardin, 1988; Gaskell, 2003; Grbich, 1999; Parker, 2005);

Leitura do material discursivo, mapeando “núcleos de sentido”, através de um plano interpretativo, sublinhando aspectos de similitude e/ou de diferenciação das narrativas dos participantes.

Elementos de análise (1)

(Marques, 2007)



Circunstâncias da gravidez

- Não, **não usávamos nada**, foi mesmo... A gente já estava farto de ter relações, nunca houve problema nenhum... E foi assim: de repente. (10)

E- Então não foi uma gravidez planeada ou foi?

- Não, **aconteceu**.

E- Foi uma surpresa ou já estavam mais ou menos à espera?

-Não, foi surpresa. (24)

- Eu tinha 17 e ela na altura tinha uns 13 para os 14, não me lembro bem. Pronto, **ela queria ter um bebé, eu também queria ter um bebé e fizemos por isso**. (17)

Elementos de análise (2)

(Marques, 2007)



Relação com os serviços de saúde no acompanhamento da gravidez e do parto

E - E o que é que sentiu? Como é que foi recebido pelos médicos, pelos enfermeiros...

*-Bastante **cuidadosos**, e eles, tendo em vista que eu era novo e ela também, daí, não digo ajudar-nos mas pondo mais à vontade e **saber tranquilizar-me** e tudo, acho que **foram excelentes**. (...)(2)*

*-É assim, **eu nessa altura fui assim um bocadinho ignorado**, digamos assim, porque eu estava sentado como estou agora, assim, ao lado dela, e eles chegaram, tiraram o bebé cá para fora e levaram o bebé. (20).*

Elementos de análise (3)

(Marques, 2007)



Relação com os serviços de saúde no acompanhamento da gravidez e do parto

- *A mãe dela entrava. Ela... **A mãe dela punha-se logo à frente** e “Não entra mais ninguém, sem ser eu. Eu é que entro com a minha filha, a filha é minha, e não sei quê...”. E assistiu. Pronto. E ela ainda, agora, pronto, já não diz isso, mas ainda antes da criança nascer dizia “Não, ela é minha filha e mais nada. Eu vou com a minha filha para onde for.” A mãe dela...*

-E - como é que foi? O que é que sentiu?

-*Foi fixe. **Gostei de ter visto**. Só tinha visto ainda pela televisão, todos os documentários que davam no Odisseia e noutros canais eu via. Quando vi aquilo disse que então vou ter que ver o da [nome] também. (1)*

Elementos de análise (4)

(Marques, 2007)



Representações sociais da paternidade e da maternidade

E - Em quê, que muda tanto?

- *Tornar-se mais **responsável**, ser mais adulto, pensar de outra maneira, e lutar muito... porque eu antes era mesmo só para andar a curtir. Mas depois, desde que nasceu o [nome], parei com isso. (5)*

E - Porque é que é importante?

- *Porque faz parte da vida, **é a lei da vida**. Viemos com esse objectivo ao mundo, penso eu. (15)*

Elementos de análise (5)

(Marques, 2007)



Os apoios que gostariam de ter tido ou de vir a ter como pais

- *Qualquer coisa que tivesse a ver com... **que ensinasse mais sobre as crianças**, que eu pudesse ajudar mais o meu filho. (7)*
- *Deveria haver uma associação ou uma coisa do género (...) a fim de que os pais não só se inteirassem mais como que uns tratam ou como uns agem, (...) **devia haver uma associação em que eles tinham que se inteirar mais e procurar saber como é que funcionam as coisas nas casas dos outros, como é que os pais cuidam, se eu cuido devidamente como os outros cuidam. (12)***

Pistas para a intervenção (1)

(Marques, 2007)



- domínio da **organização espacial** dos serviços
- domínio dos **princípios orientadores da organização** dos serviços
- domínio dos **materiais de divulgação e informação**